



## Carta das Juventudes

### [Carta de 2019 - XII CBA](#)

**A Plenária das Juventudes e Agroecologia: um debate sobre perspectivas para enfrentamento das mudanças do clima no campo e nas cidades** aconteceu no dia 21 de novembro de 2023, no XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, sediado na cidade do Rio de Janeiro. Esse momento é o ponto de encontro para pensarmos sobre ciência, políticas e práticas que propaguem redes de saberes, solidariedade e resistência diante das adversidades que resultam da crise socioambiental.

Essa plenária é o chão enraizador dos debates em torno das relações entre “Juventudes e Agroecologia” e mudança do clima. Propõe-se, assim, que desse chão se propague redes de saberes, solidariedade e resistência e que retratem a participação e o potencial transformador do engajamento das juventudes do campo, das cidades, das águas e das florestas na construção de um projeto agroecológico popular que contemple as lutas estudantis, raciais, feministas, LGBTQIAPN+ e de classe por justiça social, ambiental e climática. Diante das adversidades dispostas, previsíveis e irremediáveis vindas da crise socioambiental e expressa nas mudanças climáticas, na contaminação generalizada de agrotóxicos e nas violências políticas, cabe às juventudes lutar por um futuro humanamente possível, sendo a agroecologia a ferramenta ideológica e metodológica desse pulsar.

O XII CBA reuniu pessoas do movimento agroecológico de todo país e disseminou o lema "Agroecologia na Boca do Povo", destacando a importância de assegurar o acesso a alimentos saudáveis, diversificados e sem veneno, para todos os segmentos da sociedade, especialmente para aqueles em situação de vulnerabilidade. Além disso, esse lema promove a disseminação da agroecologia como parte necessária para as mudanças sociais e ambientais.

Neste contexto, reforçamos a conexão entre essa luta e os coletivos de juventudes. A participação mais ativa das juventudes na promoção da agroecologia contribui não apenas para a produção de alimentos mais saudáveis, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Desde 2016, os Grupos de Trabalho das Juventudes que compõem a Associação Brasileira de Agroecologia - ABA-Agroecologia e a Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, permitem que as juventudes estejam presentes e atuantes nos processos deliberativos e de construção do movimento agroecológico em âmbito nacional. Os GTs estimulam debates e iniciativas relacionadas às questões que afetam as juventudes, tais como políticas públicas, articulação e trocas de experiências, permanência no campo, agricultura urbana, participação ativa das(os) jovens nas tomadas de decisão, educação adaptada ao contexto rural e urbano, promoção da igualdade de gênero, feminismo e diversidade, além de temas como educação, arte, cultura popular e incentivo à prática agroecológica, entre outras temáticas.



Sendo esses espaços abertos e autogestionados para atuação, conexão e troca em rede de jovens do movimento agroecológico, e para consolidação de atividades protagonizantes, como o Barracão das Juventudes e Agroecologia, a Plenária das Juventudes e o eixo temático Juventudes e Agroecologia, no CBA.

Nesse sentido, esta carta busca renovar e reafirmar as reivindicações e posicionamentos presentes na Carta das Juventudes escrita em 2019 no XI CBA, em Aracajú-SE, considerando a conjuntura atual do país.

Nós, juventudes do campo, da cidade, das águas e das florestas acreditamos na agroecologia como um caminho para promover a biodiversidade, a preservação dos recursos naturais, a justiça socioeconômica, socioambiental e climática, e o bem-estar da terra, das águas e de todos os seres, humanos e não-humanos. Compreendemos que as práticas, ciências e modos de vida agroecológicos apontam, por meio da sabedoria ancestral, para alternativas de enfrentamento em relação à crise climática, à degradação ambiental e à insegurança alimentar e nutricional.

Para construir a agroecologia como um projeto de sociedade, se faz necessário mobilizar, incentivar e criar condições para que as juventudes atuem, ocupando, transformando e defendendo seus territórios contra os avanços neoliberais no país (como a expansão do agronegócio, da mineração, grandes empreendimentos de energia solar e eólica, exploração de gás convencional e de xisto, entre outras), que ameaçam a biodiversidade, a soberania alimentar, a autonomia socioeconômica, a educação libertadora, os povos e comunidades tradicionais, e a justiça climática.

Nesse sentido, reivindicamos nesta carta pontos que consideramos essenciais para que as juventudes sigam construindo e transformando seus territórios a partir da agroecologia:

## **1. Educação Contextualizada e Libertadora**

Ao longo da história, a educação tem desempenhado um papel central nas mudanças sociais, mas é necessário uma compreensão e discussão sobre um projeto de sociedade que leve em consideração as características específicas de cada território e promova as diversas expressões presentes na ecologia de saberes. Lamentavelmente, em muitas ocasiões, a educação tem dado uma ênfase excessiva ao conhecimento científico, relegando os saberes tradicionais e desarticulando estratégias educacionais direcionadas às diferentes realidades socioespaciais.

Entendemos que é imprescindível o processo de fortalecimento e 'reabertura' das escolas do campo com uma educação contextualizada, garantindo a permanência



dos jovens em seus territórios, buscando construir um projeto político pedagógico conjuntamente com as comunidades a partir de suas realidades, resgatando os saberes e sabores das agricultoras e agricultores. Para tanto, é necessário garantir educadores/as com formações voltadas para a agroecologia e educação do campo, assegurando um processo de seleção que priorize professores/as dos próprios municípios, potencializando também os processos de capacitação e formação continuada dos/as educadores/as das diversas áreas do conhecimento no contexto da pedagogia camponesa, agricultura familiar e comunidades tradicionais.

Em relação à realidade urbana, insistimos na criação e fortalecimento das hortas pedagógicas, cursos profissionalizantes e de formação em agroecologia, além da incorporação da temática no currículo escolar, a fim de (re)pensar e transformar as relações socioambientais nos espaços urbanos. Cada vez mais, identifica-se a multiplicidade de experiências de agricultura urbana, principalmente em territórios periféricos das cidades, de forma que a mobilização e sensibilização de jovens é extremamente necessária para fortalecer as lutas em favelas, ocupações, assentamentos, territórios tradicionais e outros espaços ameaçados por interesses predatórios.

Por fim, desejamos a ampliação e fortalecimento dos cursos de agroecologia no âmbito do saber científico dentro das universidades brasileiras, garantindo os saberes dos povos e comunidades tradicionais que constroem a agroecologia, na construção de uma grade curricular que respeite a realidade dos territórios, garantindo assim uma construção do saber científico agroecológico aliado ao saber popular, tradicional e ancestral.

Apontamos para a importância de redes de técnicos e bacharéis em agroecologia para demandar a regulamentação da atuação profissional do agroecólogo e da agroecóloga, tal como o Comitê Nacional de Profissionais em Agroecologia (COPA). Assim como, ampliar e fortalecer os projetos de ensino, pesquisa e extensão, tendo como referência os mais de 150 Núcleos de Agroecologia (NEAs).

Desejamos que as juventudes do campo, da cidade, das águas e das florestas possam semear e multiplicar a agroecologia, para isso, **queremos uma educação contextualizada, libertadora e acessível para todos os povos, comunidades e territórios tradicionais.**

## **2. Políticas Públicas para Juventudes**

Precisamos de políticas públicas orientadas para apoiar e capacitar as juventudes em todos os territórios brasileiros, fornecendo oportunidades de educação, capacitação, acesso à terra e crédito, infraestrutura rural, comercialização justa e estimulando a participação ativa na construção de alternativas de vida.



A juventude desempenha um papel fundamental na promoção da agroecologia, portanto se faz necessário garantir políticas públicas que atendam a demanda de todas as etapas dos sistemas produtivos bem como o fortalecimento das feiras agroecológicas e o **incentivo das juventudes na produção agroecológica**. Devemos promover a regulamentação e desburocratização do Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, assim como de outras políticas importantes para as juventudes. É necessário levar comida de verdade nas escolas e universidades do campo e da cidade, garantindo comida de qualidade e sem veneno, além do estreitamento dos vínculos de venda direta às instituições públicas.

Se faz necessário promover ações de ATER voltadas para as juventudes, além de investir em programas de capacitação em agroecologia, a fim de assegurar uma transição agroecológica. Além disso, fortalecer, multiplicar e cultivar as feiras municipais, estaduais e federais nos territórios, valorizando as culturas alimentares locais e a inclusão dos produtos da transição agroecológica da agricultura camponesa e urbana. Incentivar a organização coletiva e comunitária e a aliança do campo e cidade, entendendo que caminham lado a lado na luta por soberania, segurança alimentar e nutricional.

O acesso à educação, ao trabalho, à saúde e à cultura são primordiais para garantir a permanência das juventudes no campo e para estabelecer o bem-viver em todos os territórios. Entretanto, é preciso, para além de garantir esses direitos, valorizar, fortalecer e investir nas ações e práticas que já acontecem, em consonância com os valores e saberes das comunidades. Desejamos que o fomento nessas áreas seja contra-colonizador, resgatando as práticas, o fazer e as culturais tradicionais e populares.

E também buscamos investimentos que permitam intercâmbios e articulação entre experiências, coletivos e movimentos sociais de juventudes. A fim de fomentar a formação e fortalecimento de redes, diálogos e trocas de saberes e conhecimentos entre diferentes regiões do Brasil.

Destacamos que o processo de retomada do PLANAPO é essencial para atingirmos esses objetivos, logo, é imprescindível ouvir as vozes das juventudes nessa construção e assegurar melhorias nas condições de reprodução da vida e do trabalho com agricultura e agroecologia, contemplando as diversidades culturais e socioespaciais de seus territórios.

### **3. Arte, Cultura e Comunicação**

O respeito pela diversidade cultural e a valorização das práticas locais são pilares da construção da agroecologia. Quando pensamos em agroecologia, pensamos em território. Quando pensamos em território, pensamos em cultura. Quando pensamos



em cultura, pensamos em história, memória, identidade. Nesse sentido, a cultura é uma ferramenta contra hegemônica de luta, resistência e articulação das juventudes no fazer agroecológico e na perpetuação dos saberes ancestrais, proporcionando o protagonismo e reconhecendo as vozes que constroem a cultura em seus territórios.

Para nós, juventudes do movimento agroecológico, que mantemos uma relação de intimidade com a natureza em diversas esferas e contextos, entendemos que é mais que urgente tecer estratégias de luta, resgate e permanência que assegure as práticas agroecológicas. Para tanto, a arte em suas diversas expressões culturais é para nós um elemento orientador.

Defendemos o fortalecimento de centros de cultura comunitários, valorizando as expressões artísticas locais, do turismo de base comunitária na perspectiva de geração de renda para os jovens, e dos processos que constroem a comunicação popular, visando a transformação de nossos territórios através dos espaços de formação contínua nas artes orais, escritas, gráficas e audiovisuais. Além da construção de espaços de vivência que integre lazer, esporte e cultura.

Fazemos um chamado para uma articulação das juventudes camponesas, indígenas e quilombolas em cada território do Brasil a estarem desenvolvendo focos de cultura ativos para o fortalecimento dos saberes ancestrais e a prática do campesinato. A cultura e a comunicação popular devem ser ferramentas de luta contra as opressões sistêmicas, em uma luta antirracista, antipatriarcal, antiimperialista, e na perspectiva de luta de classes. Devemos utilizar dessas ferramentas para mobilizar, conscientizar e disputar narrativas.

Ao discutirmos cultura, expandimos nosso foco além das expressões artísticas para abranger a cultura relacionada ao cultivo e à colheita, valorizando as práticas dos povos originários, das comunidades rurais, bem como das comunidades tradicionais. Dentro desse contexto, as juventudes desempenham um papel crucial ao preservar e transmitir os conhecimentos ancestrais, englobando saberes variados, como os das parteiras, rezadeiras, benzedadeiras, raizeiras, e a preservação das sementes crioulas através de redes e dos guardiões de sementes, entre outros.

#### **4. Em defesa das diversidades e da vida**

Celebramos a vida como maneira de movimentar a energia de cada corpo, cada sentimento, cada existência e resistência. Vibramos na defesa das pessoas, da linguagem não-violenta e em respeito às diversidades. É nos espaços acadêmicos, políticos e na sociedade civil como um todo que buscamos fortalecer nossas existências, a comunidade LGBTQIAPN+, as mulheres, as negritudes, as comunidades e povos tradicionais, as periferias, as matas, as águas e os campos. Somos tão gigantes quanto unidas e unidos na luta.



Precisamos nos organizar. Incentivar cada liderança, cada pessoa, cada jovem, cada estudante, cada mulher, para que levem aos seus territórios a luta pela defesa da diversidade dentro do contexto em que cada uma e cada um está inserido. O plural nos faz sociedade, as maneiras como nos relacionamos nos fazem sociedade, as articulações políticas e os meios que consideramos para tomar decisões nos fazem sociedade. E estamos firmes e fortes para transformá-la.

Por muito tempo dissemos que estávamos cansados, e ainda carregamos um fardo, o fardo da perseguição e violência contra nossas gentes, mas vamos enfrentar o capitalismo selvagem, sempre decadente, fantasiado de meritocracia. A única saída é a democracia e a reforma agrária popular, feita de povos para os povos, nossos povos, nossas gentes, pessoas trabalhadoras.

A vida plena, o acesso à educação contextualizada e libertadora e o direito a existir livremente só virão quando todas as pessoas poderem usufruir do direito de liberdade. O sistema mata nossas juventudes negras e LGBTQIAPN+, barra educação sexual nas escolas e culpa sempre as mulheres, oprimem e tiram tudo das lideranças indígenas que ainda têm resistido. Precisamos nos organizar, mais e melhor. O que fizemos ainda é pouco. Eles sabem que somos fortes quando unidos, mas nos desestabilizam justamente para perdermos a atenção sobre esses diálogos.

Marielle Franco foi assassinada por tantos motivos e recentemente observamos que também foi brutalmente assassinada por interesses políticos da burguesia do Rio de Janeiro sobre regularização fundiária. Marielle, Presente!

Precisamos nos organizar. Abaixo as opressões. Sim à vida! Sim às diversidades de saberes, sabores, de ser, de viver, de existir. Abaixo violência. Sim à vida. Denunciamos e repudiamos a cultura das violências que oprimem e matam, buscando o extermínio das juventudes. Propomos uma cultura de paz, acreditando em uma nova política de segurança pública. Uma política que preza pela vida de todas as pessoas. Uma política que tenha a vida e o bem-estar do ser humano, de qualquer raça e cor, como prioridade. Não nos calaremos diante dos avanços das tentativas de extermínio da juventude negra, como também estaremos resistindo a todas as formas de LGBTQIAP+Fobia.

## **5. Trabalho, renda e direitos trabalhistas**

Para enfrentar os desafios da atual situação de precarização e terceirização das relações do mundo do trabalho, que envolvem trabalhos imediatistas, inseguros e exploratórios, as juventudes demandam que a geração de renda e a emancipação social se dê através de relações cooperativistas, solidárias e sindicalizadas, por meio de uma economia justa e relações trabalhistas socialmente e ambientalmente responsáveis levando em conta as objetivos de desenvolvimento sustentável da



ONU e fortalecendo o trabalho em rede. Não aguentamos mais uma jornada de trabalho e um sistema produtivo que nos explora e nos adocece.

O cooperativismo solidário já é uma ferramenta de geração de renda e emancipação social para a juventude, ele une as pessoas para cooperarem e se apoiarem em prol de objetivos comuns, gerando benefícios para todos os envolvidos. As cooperativas e associações solidárias conseguem quebrar com a lógica da exploração e subjugação do trabalho humano, por isso precisamos de incentivos para as cooperativas existentes e as que serão criadas em seus diferentes ramos.

É necessário que sejam formadas e fortalecidas rotas tecnológicas e políticas de expansão das cooperativas de reciclagem popular, em vez de tecnologias que degradem os materiais em relação a sua natureza atual, como, por exemplo, a incineração que vem sendo realizada. A burocratização atrapalha a abertura de novas agroindústrias e o patriarcado impede que os jovens participem das tomadas de decisão. Que modifiquemos a consciência da nossa sociedade por meio da solidariedade, da agroecologia, da formação e da sensibilização, para que possamos beneficiar e permitir a inclusão dos jovens em todos os processos produtivos.

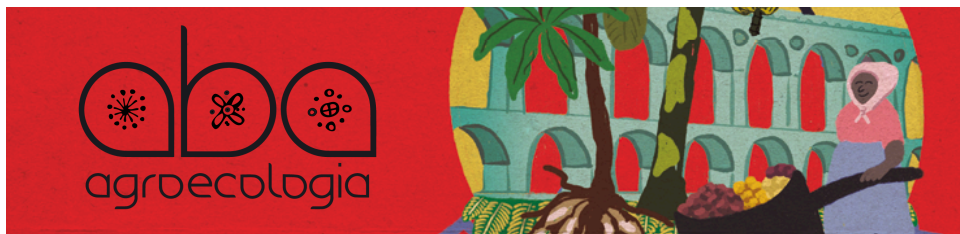
Contra a exacerbada precarização da força de trabalho e das condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras, a juventude agroecológica defende a organização e a conscientização da população em prol da luta pelos direitos trabalhistas por meio dos sindicatos e organizações. Juntos vamos construir novas tecnologias sociais organizando os trabalhadores para atuarem autogestionados, um futuro sem patrão e sem exploração é possível!

Por isso dizemos: Cooperativismo solidário para mudar o mundo!

## **Conclusão**

É necessário que os movimentos estudantis e demais grupos de mobilização das juventudes se envolvam ativamente no movimento agroecológico, estabelecendo colaborações significativas com os grupos de juventudes e agroecologia presentes nos diversos territórios. O engajamento desses movimentos pode potencializar o impacto positivo das ações agroecológicas. A união entre esses movimentos fortalece não apenas a conscientização sobre práticas agrícolas, mas também amplia a defesa por políticas públicas que valorizem a diversidade cultural, social e ambiental. Essa conexão pode promover trocas enriquecedoras de conhecimento e consolidar esforços para alcançar transformações socioambientais concretas.

Encerramos essa carta entendendo que a construção do saber agroecológico é um processo que se inicia com nossos ancestrais. Nesse sentido, pedimos a bênção àquelas e àqueles que vieram antes de nós e nos prepararam para a luta da vida. Aquelas e aqueles que nos ensinaram que história, memória, afeto, bem como terra,



floresta, águas, a gente não se vende, se defende. Reafirmamos aqui nosso compromisso com um projeto de sociedade pensado a partir de nosso território, um projeto que emancipe nossos povos, que ecoem nossas vozes de norte a sul do Brasil e que nossas irmãs e irmãos ao redor do mundo vejam em nós a esperança de um novo amanhã. Que nos espelhamos uns nos outros, e em nós, para seguirmos na luta, evocando todos aqueles que o historicismo neoliberal tentou apagar.

Seguiremos em luta por um futuro livre de agrotóxicos e de todas as violências oriundas de preconceitos. Nosso projeto de sociedade é agroecológico popular e diverso.

### **Agradecimentos**

Agradecemos enormemente a presença das organizações e setoriais de juventudes que estiveram presentes durante a **Plenária das Juventudes e Agroecologia: um debate sobre perspectivas para enfrentamento das mudanças do clima no campo e nas cidades** trazendo em suas falas territórios, lutas e saberes e unificando a juventudes através da agroecologia. Estiveram presentes:

GT JUVENTUDES - Articulação Nacional de Agroecologia (ANA-Agroecologia)

Setorial de Juventudes - Polo da Borborema

Setorial de Juventudes - UNICAFES

ECOAR - Coletivo de Juventudes Ecosocialista

Comer Pra Quê? - UNIRIO

Coletivo Mirí - Coletivo Socioambiental de Juventudes Amazônicas

FEAB/RJ - Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil

Setorial de Juventudes - Movimentos dos Pequenos Agricultores (MPA)

Coletivo ReTransA - Rede Transvestigênera Agroecológica